

# Demanda por soja alavanca o mercado

De São Paulo

"A China é a grande locomotiva do crescimento", diz Fabio Trigueirinho, secretário geral da Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove). Ele refere-se às exportações de soja e à expansão de sua produção no Brasil. Historicamente originadas no Sul e Sudeste do país, as plantações do grão consolidaram-se na última década no Centro-Oeste e chegaram a se alastrar pelo Nordeste, em Estados como Bahia e Maranhão.

A expansão seguiu o ritmo de vendas de soja em grão do Brasil para a China, que saltaram entre 2002 e 2008 de 4,14 milhões de toneladas para 11,82 milhões. A demanda chinesa acima da média mundial fez aumentar sua fatia nas exportações do grão de 26% para 48% nesse período. A China é hoje a maior compradora da soja brasileira em grão. Depois dela vem o bloco da União Europeia.

A soja é só um exemplo da importância da China como compradora de commodities brasileiras, sejam agrícolas, como a soja, ou metálicas, como o minério de ferro. A demanda chinesa causou elevação de preços, alavancando volumes e valores das exportações brasileiras ao país asiático. Em 1999, a China era o 15º destino mais importante dos embarques brasileiros, com compras de US\$ 676,1 milhões. Em 2001 os chineses já estavam em sexto lugar e no ano passado eles se tornaram o principal parceiro do país, importando US\$ 20,2 bilhões em produtos brasileiros.

As vendas de commodities para a China fizeram crescer as exportações totais do país. "O efeito foi extraordinário", resume Fábio Silveira, da RC Consultores. As divisas geradas pelos embarques de commodities levaram à melhoria das contas externas, propiciando inclusive o pagamento da dívida externa. As reservas em moeda estrangeira saltaram em janeiro de 2000 de US\$ 37,6 bilhões para US\$ 243,7 bilhões em março. "Sem a venda de commodities para a China o Brasil não teria reduzido o risco-país e nem aumentado a captação de recursos", conclui.

A expectativa de continuidade do crescimento da China faz brilhar os olhos dos setores exportadores. "A perspectiva para os próximos dez anos é bastante positiva porque a China deve crescer a taxas de 9% a 10% anuais", diz Trigueirinho, da Abiove.

Há, porém, quem veja o quadro com mais cautela. A preocupação vai muito além do aumento de participação dos produtos primários nos embarques totais do país, um dos efeitos da demanda chinesa. "Hoje a China dita nossa pauta de exportação", diz José Augusto de Castro, da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB). Alguns economistas acreditam que o avanço da China como parceiro comercial do país acontece dentro da evolução de um mercado cada vez mais globalizado, mas a grande dependência de um só país pode não ser interessante.

"A China tenta garantir a ampliação de ofertas de bens primários no continente africano, por exemplo", diz Silveira, o que pode afetar, no futuro, as exportações brasileiras de alimentos e de energia. (M.W.)